

Senhor Presidente

Senhoras e Senhores Deputados

Senhora e Senhores Membros do Governo

O Partido Socialista governa os Açores há doze anos.

Pelo tempo que passou, pelo que se passou no mundo, pela acção das pessoas, das famílias e das empresas, mas, também, pela actividade das autarquias, do Governo Regional e do Governo da República, os Açores estão diferentes, como não poderia deixar de ser.

É uma inevitabilidade da própria natureza das coisas.

Por isso, torna-se, por vezes, ridículo o exercício de dizer que agora há mais computadores do que há 12 anos, como se antes as novas tecnologias fossem o que são hoje no mundo; que agora há mais camas, como se o Turismo há vinte anos fosse aquilo que é actualmente a nível mundial; ou que há mais estradas, como se, por absurdo, a outra possibilidade que o Governo tinha era, em doze anos, não fazer nada ou pura e simplesmente destruir as estradas que já existiam, e por ai adiante.

Isto é, só por mera desconsideração pela inteligência das pessoas se pode sequer admitir que existe a possibilidade de, em doze anos, e por razões sociais, económicas, tecnológicas, culturais ou políticas, não ter havido alteração da realidade açoriana.

E é isso que o Partido Socialista faz. Apresenta como grande façanha aquilo que resulta da normalidade da evolução a todos aqueles níveis.

Outros há, os mais cegamente fanáticos, que dizem que o mundo começou em 1996. Antes era o caos!

Porém, a única apreciação séria que se pode e deve fazer destes doze anos de governação socialista assenta na necessidade de avaliar se, com os meios financeiros disponíveis, numa conjuntura mundial de abertura e desenvolvimento a nível social, económico, tecnológico e cultural, se poderia ter feito mais e melhor.

Para o PSD, não há qualquer tipo de dúvida.

Com o que se passou no mundo e com o dinheiro que a Região recebeu nestes doze anos, os açorianos deveriam viver muito melhor, os Açores deveriam estar muito melhores.

É este o grande falhanço da governação socialista.

Não aproveitaram, em benefício das pessoas, a conjuntura mundial e, muito menos, o dinheiro que tiveram ao seu dispor.

Tanto dinheiro que supostamente até dava para “superavites”.

E as pessoas?

Tanto dinheiro que servia para grandes discursos, de auto-elogio bacoco da capacidade de arrecadação de receitas, como se a acção do Governo começasse na angariação de dinheiro e acabasse na forma como o mesmo se gasta ou esbanja.

E as pessoas?

O dinheiro foi, de facto, muito. De 2000 a 2006, os Açores receberam da União Europeia mais de mil e duzentos milhões de euros, o que equivale a cerca de 175 milhões de euros por ano e cerca de 500 mil euros por dia. Isto é, os Açores receberam, todos os dias do ano, da União Europeia cerca de cem mil contos por dia. Três vezes mais do que a média das regiões mais pobres da União Europeia.

E as pessoas, sentiram isso nas suas vidas?

No fundo, é esta a prova dos nove do falhanço da governação socialista.

O dinheiro que o Governo diz que lhe sobra, falta às Pessoas.

Hoje, passados doze anos de governação socialista, os açorianos vivem com muitas dificuldades.

Os agricultores, os comerciantes, os empregados por conta de outrem, a cada mês que passa sentem cada vez mais a escassez do rendimento e o aumento das despesas mínimas de sustento familiar e de actividade.

Aumentou a pobreza nos Açores.

Depois dos números iniciais da implementação do programa, e da sua estabilização normal, o número de beneficiários do Rendimento Social de Inserção voltou a subir.

Em Dezembro de 2004, eram 9.683 beneficiários, em Fevereiro de 2008 eram 18.097.

Os Açores são Região do país com maior taxa de atribuição deste subsídio - cerca do dobro da média nacional.

O desemprego aumentou nos Açores.

Há 65.500 açorianos, com mais de 15 anos, que não frequentam a escola e não têm um posto de trabalho.

Há 63.5% das mulheres açorianas, em idade activa, que não têm um emprego.

O custo de vida nos Açores é muito mais alto do que no continente, temos mais altas taxas de inflação, temos o menor poder de compra do país.

Nos Açores, ainda há cerca de 80.000 pessoas sem médico de família, há listas de espera para consultas e cirurgia de cerca de três anos e os reembolsos são miseráveis.

Há açorianos que saem da consulta médica, que tiveram de marcar de madrugada, e não vão á farmácia porque não têm dinheiro para os medicamentos.

Há listas de espera significativas para entrar nas creches e nos jardins-de-infância e nos lares de idosos.

E a classe média, os professores, os profissionais liberais, os licenciados em geral, sentem que cada vez pagam mais por tudo, dos impostos aos bens de consumo, e vêem apertado o orçamento familiar.

A maioria das ilhas sofre os efeitos nefastos da desertificação e envelhecimento.

Há parcelas dos Açores que estão a ficar para trás.

Perante este falhanço, o Governo socialista tenta disfarçar com a propaganda com que tenta iludir os açorianos.

Por isso, Carlos César sente a necessidade de continuar o espectáculo da ilusão e diz, aparentemente convicto, que cumpriu a esmagadora maioria dos seus compromissos quando sabe que mais de uma centena e meia de promessas continuam por concretizar.

Mas, então, o que aconteceu a esse dinheiro todo do Governo. Porque falhou?

Claramente o falhanço do governo socialista deve-se às más estratégias na definição e execução dos investimentos e ao não dar prioridade às pessoas.

O dinheiro do Governo em muitos casos foi mal gasto, ou mesmo esbanjado.

Desde obras megalómanas e desnecessárias até erros de previsão, planeamento e execução, muitos foram os milhões desperdiçados.

A título meramente exemplificativo, referem-se os seguintes casos:

A importância da requalificação da zona da Marina e final da Avenida de Ponta Delgada e da existência de um cais de cruzeiros não exigia a construção ostentatória com que se agigantou a obra; a requalificação da via-rápida na Terceira não obrigava à construção de nove pontes para vacas; a necessidade de um cais de ferries em Santa Maria não pode ser posta em causa quando a obra que foi feita impede que os barcos possam atracar, atirando, literalmente, cerca de 3 milhões de euros ao mar; os projectos e o lançamento de obras e posterior cancelamento das mesmas revelam um completo desrespeito pelos dinheiros públicos entretanto gastos; as derrapagens de mais de 17 milhões de euros na construção de escolas, revelam que o deficiente planeamento é inimigo da gestão rigorosa do dinheiro dos açorianos; os mais de 40 milhões de euros gastos na trapalhada que tem sido o transporte marítimo de passageiros sem sequer termos um barco novo, pois os novos, que não se adequam às nossas necessidades actuais e futuras, vão custar mais cerca de 50 milhões. Tudo isto evidencia a falta de estratégia e desleixo na

gestão dos recursos da Região. Para já não falar nos subsídios dados ao desbarato e sem regulamentação demonstram que o governo trata o orçamento público como arma político-partidária e sem o necessário rigor.

E as festas!?

O Presidente do Governo que criticava autarcas por fazerem festas de “violas e brasileiras” tornou-se campeão do samba da propaganda.

Agora anuncia-se uma semana de festas, com artistas dos quatro cantos do mundo, para a inauguração das “Portas do Mar”. Quanto é que isso vai custar?

Possivelmente, como noutras circunstâncias, vai dizer-se que quem paga são as empresas.

Mas quem pagou, ou vai pagar, o custo da obra e a sua derrapagem, no valor de cerca de cinquenta milhões de euros pelos trabalhos a mais da obra foi, ou vai ser, a Região. Logo, quem paga a semana de espectáculos e fogo de artifício das Portas do Mar são os açorianos das

nove ilhas dos Açores, para que o Governo socialista faça campanha eleitoral.

Acha o Governo socialista legítimo que se gaste, desperdice e esbanje tantos milhões quando os açorianos, as suas famílias e empresas vivem as dificuldades que vivem?

O PSD não acha que seja legítimo, não acha correcto tal tipo de políticas e posturas, e afirma-o aqui frontalmente, no Parlamento dos Açores.

Tanto quanto se compromete que, com um Governo do PSD, haverá rigor no planeamento, respeito na execução e não haverá festanças e espectáculos pagos pelos contribuintes para campanhas eleitorais.

Porque para o PSD sempre em primeiro lugar estão as Pessoas.

Pelo contrário, para o Partido Socialista, em primeiro lugar está apenas a manutenção do poder pelo poder.

Enquanto os açorianos vivem com dificuldades, o Governo vive à farta, à grande e à francesa.

Enquanto os açorianos têm dificuldades em ter dinheiro para a farinha, o Governo vai esbanjando e ostentando no farelo.

Por sinal, o Presidente do Governo não fala nas dificuldades dos açorianos.

Quem se lembra de palavras de Carlos César sobre os tempos difíceis que vivem os açorianos, as famílias e as empresas.

O Presidente do Governo dos Açores gasta o seu tempo, preenche os seus discursos, na propaganda ilusória das suas alegadas virtudes, nas suas ambições – sempre a ambição! - e no ataque despuadorado e sem tino ao PSD e ao seu Presidente, Dr. Carlos Costa Neves.

Em suma, os discursos de Carlos César resumem-se a: “Eu sou o maior!”, “Eu sou o único!” e “os outros não prestam!”.

Grande democrata!

Em suma, Carlos César gostaria de aplicar nos Açores a receita que impôs ao PS-Açores.

De facto, Carlos César não consegue fazer um discurso que não seja para atacar o PSD e o seu Presidente, Dr. Costa Neves, revelando a importância que, na verdade, lhe dá.

No fundo, o que incomoda Carlos César é a existência de oposição, é haver alguém que o confronte, democraticamente, com os falhanços da sua governação, é haver alguém que, legitimamente apresenta uma alternativa válida de governo para os Açores.

No fundo, Carlos César viveu tanto tempo de oposição que detesta a oposição.

Chega ao ponto de, ao querer mandar em tudo, nas pessoas, nas empresas, nas associações, na comunicação social, querer até mandar, imagine-se, nos cartazes da oposição e, neste verdadeiro primor do respeito democrático, querer escolher o líder da oposição.

Como se estivesse a ser sincero!

Todos nos recordamos dos ataques que Carlos César, então na sua rebelde oposição, fazia a Mota Amaral.

Mas, quando Victor Cruz era candidato a Presidente do Governo, Carlos César continuava os ataques, desta vez dirigidos para o seu opositor, valorizando Mota Amaral de quem dizia ter saudades e até, imaginem, elogiando e enaltecendo o agora atacado Costa Neves.

Agora, os bons são os que atacava antes e o mau é Costa Neves.

Pelos vistos, para Carlos César, os políticos só são bons quando não o confrontam, porque, pelo que vai demonstrando, não quer que ninguém lhe faça frente.

Grande democrata!

Por outro lado, vai dirigindo ataques serôdios ao passado de governação do PSD.

Quando no exterior se relata esta postura socialista, ninguém acredita que, passados doze anos, o PS ainda desculpe os seus insucessos com os Governos do PSD.

É até motivo de risada.

É o que temos.

Mas não é o que queremos ter.

O PSD é diferente e vai fazer diferente.

O PSD aposta nas pessoas, na qualificação, no emprego, na sua fixação, através de planos integrados de ilha, potenciando as capacidades e atenuando os constrangimentos de cada parcela da Região, incrementando as novas tecnologias e as energias renováveis, alterando as políticas de transportes, apostando na mobilidade, valorizando a nossa relação com o mundo e dando especial ênfase às nossas comunidades emigrantes, implementando uma completa refundação da política de saúde, mantendo e recuperando as escolas nas freguesias, ou estabelecendo políticas de apoio à classe média.

Sempre políticas para as pessoas, para a sua valorização e realização.

A nossa terra é linda.

As pessoas são o melhor que ela tem.

Só é preciso mudar de governo.

A mudança está nas mãos dos açorianos, apenas deles, porque, na verdade, melhor é mesmo possível e necessário.

Disse.

Horta, Sala das Sessões, 1 de Julho de 2008